

PODER

Antes de deixar a Itália, Bolsonaro encontra-se com senador Matteo Salvini, apoiador declarado e líder da Liga, partido extremista no país europeu. Em meio a protesto, presidente visita monumento erguido em Pistoia para homenagear brasileiros mortos na Segunda Guerra

Mais acenos à ultradireita

» INGRID SOARES

Em seu último dia antes de deixar a Itália, em viagem marcada pelo isolamento na Cúpula do G20 no fim de semana, o presidente Jair Bolsonaro participou ontem, em Pistoia, na Toscana, da cerimônia em homenagem aos soldados brasileiros que morreram na Segunda Guerra Mundial. A cerimônia em reverência aos pracinhas brasileiros ocorreu em frente ao Monumento Votivo Brasileiro. No evento, o presidente finalmente se encontrou com dirigente da política nacional italiana que o apoia, o senador Matteo Salvini, líder da Liga, partido de ultradireita.

Assim como ocorreu em outras cidades italianas, Bolsonaro foi recebido em Pistoia por manifestantes contrários e apoiadores. Um pequeno grupo de simpatizantes deu as boas-vindas ao presidente brasileiro no monumento, enquanto cerca de 300 pessoas se reuniram no centro da cidade para protestar contra ele. Salvini lamentou as manifestações contra Bolsonaro na região. "Desculpe, senhor presidente, pela polêmica de poucos que dividem os povos e vêm aqui sem pensar na memória, na coragem. Nossa amizade vai muito além dessas divisões. Pedimos desculpas, portanto, por essas polêmicas."

O presidente acenou ao povo italiano e exaltou a relação entre a Itália e o Brasil. "Ouví aqui a palavra gratidão. Ela tem mão dupla. Apesar de o Oceano Atlântico nos separar, nos sentimos mais que vizinhos, nós somos irmãos. A todos vocês, nossos irmãos italianos, a minha continência, o meu orgulho de estar aqui, e a satisfação de estarem ao nosso lado ontem, hoje e sempre. Brasil e Itália sempre juntos", concluiu em sinal de con-

tinência com a mão direita.

O ministro da Defesa, Braga Netto, disse que "feliz é a nação que reconhece o sacrifício e o altruísmo de seus antepassados em nome de uma causa nobre e comum". "Precisamos cultivar as memórias de nossos heróis e manter vivos os valores e as tradições brasileiras. (...) O conflito foi uma reação do mundo contra os ideais totalitários do nazismo e do fascismo. O Brasil prontamente fez a opção irremediável pela democracia, pela liberdade após os navios mercantes serem afundados na Costa", relatou.

Por fim, bradou o slogan da Força Expedicionária Brasileira (FEB): "A cobra fumou". "Hoje, prestamos culto de respeito, reconhecimento e gratidão, venerando a memória dos heróis que doaram suas vidas a serviço do mundo democrático. Após anos de história, as Forças Armadas se modernizaram e continuam focadas em suas missões constitucionais para superar os desafios de hoje e do futuro. A cobra fumou e, se necessário, fumará novamente". A expressão foi repetida pelo político italiano Matteo Salvini.

Em razão da imagem negativa do presidente Jair Bolsonaro, isolado durante a Cúpula do G20, a presença do senador da ultradireita Matteo Salvini no evento em homenagem aos pracinhas em Pistoia, na Toscana, despertou incômodo inclusive entre os partidos da direita italiana, aliados da Liga, sigla do político. O prefeito da cidade, que é de um partido de direita, e o governador da Toscana, de esquerda, não estavam presentes na cerimônia.

Após os protestos pela presença do chefe do Executivo no local, Salvini criticou manifestações contrárias a Bolsonaro. "Trata-se de uma polêmica incrível,

Handout/AFP



feita até na comemoração dos mortos que perderam a vida para defender nosso país e liberá-lo do nazi-fascismo. É um presidente que foi eleito, de uma república amiga, que veio recordar os soldados. Me desculpo em nome das instituições italianas. A polêmica deve estar fora dos cemitérios", defendeu.

Não é coincidência que a prefeita que concedeu a homenagem de cidadão honorário a Bolsonaro em Anguillara Veneta, Alessandra Buoso, seja filiada ao partido Liga, liderado por Salvini. A sigla herdou a bandeira política defendida por outros partidos de direita e de extrema direita a partir da dé-

cada de 1980, como o Movimento Social Italiano, fundado por ex-integrantes do regime fascista de Benito Mussolini.

Bolsonaro escolheu participar de poucos eventos oficiais no G20, mas fez questão de agendar o encontro com seu principal aliado na Itália. Apesar de ter falhado em sua tentativa de comandar a Itália, o ex-vice-primeiro ministro Matteo Salvini segue sendo o líder de uma coalizão de centro-direita que comanda 14 das 20 regiões italianas. O político e seus aliados fazem oposição ao atual governo do primeiro-ministro Mario Draghi, que, por sua vez, não recebeu Bolsonaro durante a visita do presidente à Itália.

O vínculo entre o presidente brasileiro e representantes da Liga italiana é uma mostra de como o bolsonarismo se conecta com os movimentos de extrema direita pelo mundo. Nos últimos anos, a aproximação mais evidente ocorreu com o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Essa afinidade ideológica não se limita aos discursos.

A realização de motocicletas, primeiramente entre grupos conservadores norte-americanos, passou a se repetir no Brasil, como aponta a pesquisa Democracia Sitiada e Extremismo no Brasil: 18 meses de manifestações bolsonaristas, coordenada pela antropóloga Isabela Kalil.

Desculpe, senhor presidente, pela polêmica de poucos que dividem os povos e vêm aqui sem pensar na memória, na coragem. Nossa amizade vai muito além dessas divisões. Pedimos desculpas, portanto, por essas polêmicas"

Matteo Salvini, líder da Liga, partido de ultradireita italiana e apoiador de Bolsonaro na Itália

Outras frentes

Em mais uma tentativa para driblar a ação do YouTube, Facebook e Instagram, que removeram a live do presidente Jair Bolsonaro em que ele fez falsa relação entre vacinas contra covid-19 e aids, um dos filhos do chefe do Executivo, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), publicou, na semana passada, em seu perfil na rede social Gettr, o trecho em que seu pai faz a associação. E afirmou que, "em breve", a rede irá fazer até transmissão de live do presidente.

A Gettr foi criada pelo ex-assessor-chefe de comunicação do ex-presidente Donald Trump. Ao chegar no Brasil, a plataforma teve grande adesão de influenciadores digitais e políticos bolsonaristas. O chefe do Executivo brasileiro e seus filhos têm conta na rede. (com Agências)

Choro e homenagem a pracinhas

Após a execução dos hinos nacionais de ambos os países, durante a homenagem aos pracinhas brasileiros que morreram durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente depositou uma coroa de flores, momento seguido de um "toque de silêncio". "Pela primeira vez, estou em solo italiano. Solo este, nesse momento sagrado para nós onde rememoramos aqueles que tombaram em luta por aquilo que é de mais sagrado entre nós: a nossa liberdade", apontou.

Na época da Segunda Guerra, os soldados mortos no conflito foram sepultados no Cemitério Militar Brasileiro na Itália, que abrigou os restos mortais de 462 combatentes entre os anos de 1945 e 1960, quando ocorreu o traslado para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra

Mundial, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Durante o discurso, Bolsonaro lembrou origens italianas por parte do bisavô e defendeu que "mais importante que a própria vida, é a nossa liberdade". "Esta é a terra também de meus antepassados. Hoje um sétimo da população brasileira, 30 milhões de pessoas, tem origem italiana. Em 1943, um dever nos chamava a voltar para a Itália e lutar por liberdade. Assim, 25 mil soldados brasileiros cruzaram o Atlântico, muitos de origem italiana, e para cá vieram. Dois anos depois, quase 500 brasileiros aqui pereceram, mas a vitória se fez presente. Ouso dizer: mais importante que a própria vida, é a nossa liberdade."

Ainda participaram da cerimônia os ministros Carlos França (Relações Exteriores) e Augusto

Alan Santos/PR



Hino nacional e coroa de flores no monumento ao soldado desconhecido

Heleno (Gabinete de Segurança Institucional); e o embaixador do Brasil na Itália, Hélio Ramos.

Na segunda-feira, após ter participado do G20 no final de sema-

na, o presidente visitou a Basílica de Santo Antônio de Pádua. Horas antes do passeio, manifestantes contrários ao presidente brasileiro entraram em confronto com

a polícia, que usou cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e disparos de jatos d'água para conter o protesto, que acabou com uma mulher presa.

"Emoção muito grande"

Em Pádua, o chefe do Executivo chegou a chorar ao ouvir música italiana que a mãe costuma cantar e reencontrou parentes ao visitar a cidade de Pádua, em Anguillara Veneta, na Itália, local de origem do bisavô paterno. Em uma live ao vivo por meio das redes sociais, o chefe do Executivo se disse emocionado ao encontrar parentes e disse ter sido bem recebido na cidade de seus antepassados.

"Estou aqui em Pádua, origem da família Bolsonaro. É uma emoção muito grande encontrar os parentes. Foi a primeira vez

em que estive na Itália, então é bom a gente rever as raízes. Por que meus avós foram para o Brasil? Qual o motivo? Obviamente, foram em busca de dias melhores pela dificuldade que a Itália apresentava no momento. É gratificante. Fui bem recebido e ainda estou sendo", disse.

Bolsonaro ainda participou de um almoço oferecido em sua homenagem pela prefeita Alessandra Buoso, do partido de ultradireita. O presidente apareceu chorando, emocionado, ao ouvir um cantor interpretar a música Mama, na Itália, em um vídeo divulgado pelo deputado Major Vitor Hugo (PSL-GO). Segundo ele, sua mãe, dona Olinda Bolsonaro, de 94 anos, costuma cantar a canção desde sua infância. Na imagem, o chefe do Executivo aparece no encontro com parentes distantes na Anguillara Veneta.

Alexandre Garcia

"O poder que é do povo é para opinar, divergindo e criticando. Para concordar, não é preciso ter poder. Com insegurança na Justiça, não há estado de justiça"

Quem manda?

A Constituição afirma, no seu primeiro artigo, que todo poder emana do povo, que o exerce por meio de seus representantes eleitos ou diretamente. Repetindo: o povo exerce seu poder diretamente, ou por aqueles que ele elege, no Executivo e no Legislativo. É assim que temos vivido, ou o poder do povo, direto ou indireto, tem sido limitado por quem não foi eleito? O Poder Judiciário tem se mostrado acima aos poderes eleitos. Na História, o autoritarismo tem sido praticado pelo chefe do Executivo, acima o Legislativo e o Judiciário, com o

pretexto de representar o povo. Aqui, hoje, o chefe do Executivo federal, que teve quase 58 milhões de votos para representar a nação, tem se curvado ante imposições do Supremo Tribunal Federal. O mesmo tem acontecido com o Senado e a Câmara, obedientes a determinações, muitas vezes, de um único juiz do Supremo. Em nome da ordem, ninguém se recusa a cumprir determinações do STF à exceção do presidente do Senado, Renan Calheiros, em 6 de dezembro de 2016, quando recusou-se a deixar o cargo, como ordenava

o ministro Marco Aurélio.

Essa introdução remete à queixa crônica de insegurança jurídica, como um dos maiores fatores do custo Brasil. Uma das causas é a excessiva judicialização de temas que deveriam ser resolvidos interna corporais no Legislativo e no Executivo, como se queixou o atual presidente do Supremo, Luis Fux, em seu discurso de posse. Virou moda a minoria apelar para o tapetão do Supremo. Em outros tempos, o relator devolvia ou jogava o recurso no arquivo, por ser assunto para o próprio parlamento resolver. Eram tempos em que o presidente não era Bolsonaro. Aí, entra o segundo fator, identificado por juristas como

Ives Gandra e Modesto Carvalhosa: o ativismo judicial, ou a militância política.

Quando há algum vácuo na Constituição, o Supremo, em vez de exigir que o Congresso — que tem poderes constituintes — decida a questão, costuma ele próprio, que não teve um voto sequer para isso, se transformar em poder constituinte. Então, temos que o Supremo, sem estar relacionado no primeiro artigo da Constituição como representante do povo, já que não é eleito, tem poder constituinte e poder de interferir nos outros poderes, eleitos para representar o povo. É, portanto, de fato, o mais poderoso dos Poderes. Quando um jornalista pede asilo político no

exterior, ninguém imagina que ele esteja sendo procurado pelo Judiciário e não pelo chefe do Executivo.

Como sabemos, o Supremo não obedeceu o devido processo legal por ser, a um só tempo, vítima, investigador, acusador, juiz e executor, algo que só se via no absolutismo. Sob o pretexto de saúde pública, vimos o STF passar por cima de direitos fundamentais, até de deixar em segundo plano poderes do chefe da nação priorizando governadores e prefeitos. O Supremo já mudou a Constituição na área de costumes e agora tem nas mãos uma gigantesca questão fundiária que pode derrubar o mais precioso trunfo do Brasil: a voca-

ção de alimentar o mundo.

Nesses dias, alguns atos e ameaças no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), fariam corar um Sobral Pinto. O senador Eduardo Girão (Podemos-CE) já reclamou da passividade do Senado diante disso e o senador Esperidião Amin (PP-SC) disse há dias que isso pode não acabar bem. Quando há exceção para o devido processo legal, há insegurança incompatível com as liberdades básicas, principalmente quando a liberdade de opinião é atingida. O poder que é do povo é para opinar, divergindo e criticando. Para concordar, não é preciso ter poder. Com insegurança na Justiça, não há estado de justiça.